

Aos 15 anos, só 10% dos alunos gostam muito da escola

Grande estudo sobre a adolescência, que se repete a cada quatro anos, destaca Portugal pelo “fraco gosto” pela escola (estamos entre os piores) e pelo pouco exercício físico dos alunos. A nível internacional, a OMS alerta também para o agravamento da saúde mental

Adolescentes Andreia Sanches

Uma queda a pique. Em 1998, quando se perguntava aos adolescentes portugueses de 15 anos se gostavam muito da escola, 29% respondiam que sim, o que nos colocava no top dos mais satisfeitos em 28 países (2.º lugar, depois da Letónia). Repetiu-se o exercício nos anos seguintes. Foi sempre a piorar. E chegados a 2018, só 9,5% dos alunos responderam o mesmo. Em 45 países avaliados na última edição do *Health Behaviour in School-aged Children (HBSC)*, em colaboração com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estamos em 38.º lugar. Só há sete, incluindo a Grécia e a Itália, onde o desamor pela escola é ainda maior do que por cá.

Os dados foram divulgados ontem à noite. E mostram que a relação dos jovens com os sistemas de ensino se tem tornado mais complicada. É assim em Portugal – onde, nas palavras da coordenadora nacional desta avaliação, Margarida Gaspar de Matos, há um “fraco gosto pela escola, fraco em si mesmo e fraco na comparação com os restantes países” –, mas não só em Portugal.

Nos 45 países onde o inquérito foi feito com a mesma metodologia (“gostar muito da escola” tem sido sempre, nos últimos 20 anos, o indicador usado no *HBSC* para aferir a satisfação que ela proporciona aos alunos) apenas 21% dos adolescentes de 15 anos se dizem muito satisfeitos com a esco-

la (menos dois pontos percentuais do que em 2014).

O *HBSC* é feito de quatro em quatro anos, com amostras representativas de alunos de 11, 13 e 15 anos e sempre com um conjunto de perguntas que se repetem nas diferentes edições, para permitir traçar tendências. O último inquérito, feito em 2018, envolveu 227.441 adolescentes da Europa e Canadá. Em Portugal, que participa desde 1998, foram inquiridos 6997 e considerados na análise final 5839.

“Há alguma evidência de que a pressão na escola está a aumentar, sobretudo entre os adolescentes mais velhos, numa altura em que a percepção é a de que o apoio que têm da família e dos professores está a diminuir”, conclui-se no relatório, que sublinha que “alunos que gostam mais da escola apresentam mais satisfação com a vida, menor risco de uso de substâncias e melhores indicadores de saúde mental”.

Sob pressão

A pressão na escola é medida com uma pergunta que se pode resumir assim: quão pressionado te sentes com os trabalhos de casa? “Sobretudo os mais velhos e as raparigas põem Portugal nos piores lugares, o que acontece desde 1998”, sublinha Gaspar de Matos. Números: seis em cada dez alunos portugueses de 15 anos (49% dos rapazes e 73% das raparigas) dizem sentir-se pressionados ou muito pressionados com os trabalhos académicos. Estamos, neste ranking

dos *teenagers* sob pressão, em 10.º lugar. Mas a média de 45 países analisados também subiu nos últimos anos, está nos 44%.

O “declínio significativo na satisfação escolar e o aumento da pressão exige atenção”, alerta a OMS.

“A escola está realmente a ser ‘menos amada’ por toda a Europa. Tenho a secreta suspeita de que é muito difícil ‘ganhar às TIC’ e esse é um debate que temos de encarar muito a sério”, diz Gaspar de Matos. “Depois, pela Europa inteira há empregos mais incertos e fica mais indefinido o papel da escola nesses ‘bons empregos’. Os alunos desinteressam-se (ou stressam pelas classificações), a concorrência é grande, o que aprendem depois até parece que ‘não serve para nada’ e quando conseguem arranjar um emprego parece que têm sempre ‘poucas competências’ e vão fazer cursos de preparação. Acontece um pouco por todo o lado.”

Para além disso, quando revelou os primeiros dados nacionais, em Dezembro de 2018, ainda antes de eles seguirem para a equipa internacional que depois os analisa e faz as comparações entre países, Gaspar de Matos sublinhava: os portugueses queixavam-se do excesso de matéria nas aulas, do aborrecimento que sentiam na escola. Faltam mudanças de fundo, há muito tempo, acredita. É preciso uma “acção urgente na escola, na comunidade e na família”.

Mais apoiados pelos colegas

As boas notícias para Portugal, neste capítulo, são que os portugueses referem um apoio social por parte dos colegas da escola superior à média (70% dos rapazes e 60% das raparigas de 15 anos sentem-se muito apoiados pelos colegas contra uma média de 60% e 51% a nível internacional). Mais: na sua esmagadora maioria (80%), sentem-se seguros na escola e envolvem-se menos em lutas do que os de outros países.

Área: 1406cm² / 74%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6843277



Outra boa notícia: a forma como avaliam a sua satisfação com a vida. Esta melhorou desde 2014 e, numa escala de zero a dez, os jovens de 15 anos dão uma nota de 7,4 à vida que têm, idêntica à média dos 45 países.

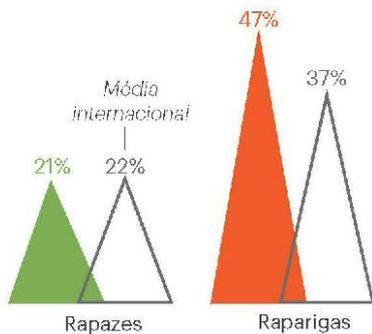
Ainda assim, a OMS alerta para a deterioração da saúde mental dos adolescentes em vários países, medida pelos sintomas de nervosismo, irritação e tristeza que “os adultos de amanhã” relatam: um em cada quatro diz que pelo menos uma vez por semana se sente nervoso, irritado ou tem dificuldades em dormir.

Em Portugal, as raparigas destacam-se: aos 15 anos, 47% dizem sentir-se nervosas frequentemente (contra 37% das raparigas dos outros países)

Quantos dizem que gostam muito da escola? (15 anos)



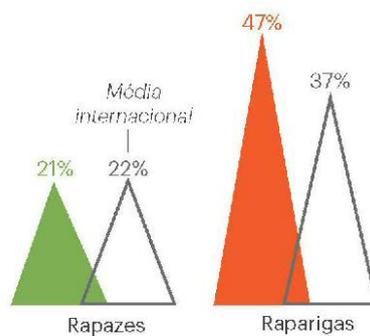
Sentiram-se nervosos mais de uma vez por semana aos 15 anos



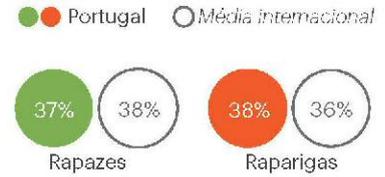
“Gostar muito da escola” (evolução em Portugal ao longo de 20 anos)



Sentiram-se nervosos mais de uma vez por semana aos 15 anos



Consumo de álcool no mês anterior ao inquérito (15 anos)



Jovens de 15 anos que já tiveram relações sexuais



Actividade de pelo menos duas horas por semana

% de jovens que gastam pelo menos duas horas por semana, fora da escola, com actividade física vigorosa

Por nível socioeconómico



Por faixa etária



Fonte: Health Behaviour in School-aged Children, da Organização Mundial da Saúde

e 30% dizem ter dificuldades em dormir (contra 29%). Também aos 15 anos as raparigas (28%) sentem-se tristes mais frequentemente do que os rapazes (16%). A média internacional é: rapazes 15%; raparigas 31%.

Falta de exercício físico

Outra preocupação é “a prática da actividade física”. Em Portugal, ela é “fraca em si (poucos adolescentes cumprem o recomendado) e fraca em

comparação à média”, como sublinha a equipa portuguesa. “Os resultados são maus desde 1998.”

Aos 11 anos, por exemplo, 48% dos rapazes e 30% das raparigas relatam ter pelo menos duas horas por semana, fora da escola, de actividade física vigorosa. A média internacional é 54% e 43% respectivamente. Aos 15, as coisas pioram: 37% dos rapazes e 16% das raparigas portuguesas fazem duas horas de actividade física extra

escola (a média internacional é de 45% e 28%).

No capítulo do excesso de peso e obesidade, Portugal aparece no 7.º lugar quando se fala dos adolescentes de 11 anos: quase 30% dos adolescentes portugueses sofrem de excesso de peso ou obesidade. Aos 15 são 22%. A média internacional é, respectivamente, de 23% e de 18%. Margarida Gaspar de Matos nota, contudo, que o excesso de peso e a obesidade estão

estacionários em Portugal desde 2002. E que as práticas alimentares “estão a melhorar”.

Mais consumo de álcool

Neste retrato do que interfere com a saúde na adolescência, os consumos são outra das dimensões avaliadas. O consumo de tabaco está a descer desde 2002 por toda a Europa e muito especialmente em Portugal. Um em cada dez (11%) dos alunos portugueses de 15 anos reportaram ter fumado nos 30 dias anteriores ao inquérito. A média internacional é de 15%. “A descida do tabaco é um dossier bem consolidado e de sucesso, mas na verdade as políticas públicas nos últimos anos andam a ‘esquecê-lo’ e, claro, o negócio dos produtores é a sua promoção. Temos agora outras formas de consumo de tabaco (os diversos *vapers*) e temos de estar atentos”, diz a investigadora.

Também o consumo de *cannabis* continua a diminuir. Já no caso do álcool, a tendência é de subida em Portugal, tanto aos 13 como aos 15 anos, ao arripio da tendência inter-

nacional. Um exemplo: 38% dos jovens portugueses de 15 anos reportaram consumo nos 30 dias anteriores ao inquérito. Em 2014 tinham dito o mesmo 30%. A nível internacional a média dos que declaram consumos recentes passou de 39% em 2014 para 37% em 2018.

Sexo desprotegido

“Ficamos sempre preocupados com o consumo de álcool na adolescência. Facilita os acidentes de viação, que é uma das maiores causas de morte nestas idades, e facilita o sexo desprotegido, e em geral o sexo não ‘planeado’. Associa-se às lesões, à

violência, faz mal a tudo, fígado, estômago e ao adequado desenvolvimento do cérebro. Pelo menos até aos 18 anos tem efeitos desastrosos”, diz Gaspar de Matos. Há, por isso, que ficar atento, ainda que, para já, não seja caso para alarme.

Outra nota do relatório *HBSC* prende-se, precisamente, com as relações sexuais desprotegidas. Um em cada quatro adolescentes não usou nem um preservativo nem pílula na sua última relação. O valor é semelhante ao registado em Portugal (24%). Este valor, diz a OMS, “continua a ser uma preocupação”.

asanches@publico.pt



A minha esperança é que a covid-19 ajude a mudar a escola

Margarida Gaspar de Matos

Psicóloga e investigadora, coordenadora da equipa portuguesa do *HBSC*



3 PERGUNTAS A MARGARIDA GASPARD DE MATOS

E m 45 países, Portugal ocupa a 38.º posição quando a pergunta que se faz aos jovens de 15 anos pretende avaliar quem gosta muito da escola. O que estamos a fazer mal?

Este é dos resultados mais consistentes deste estudo e que nos acompanha há muitos anos. Não sou especialista em didáctica nem em desenvolvimento curricular, mas quando perguntamos aos alunos eles dizem que as matérias são demasiadas, as aulas são aborrecidas e sentem muita pressão à volta das “notas”. Em 2018 perguntámos se se sentiam bem sucedidos enquanto alunos e o que era para eles um “aluno de sucesso” e invariavelmente o sucesso era traduzido em “notas”. As restantes dimensões ninguém

mencionava. Sabemos que as matérias são longas e os professores queixam-se de que não as conseguem “dar” e muitos aconselham os alunos a frequentar “explicações”, que abundam nas zonas à volta das escolas. Fica um sistema muito perverso... e muito carente de equidade. Os miúdos com mais carências económicas são duplamente prejudicados: não têm explicações e não têm acesso a universidades privadas.

A certa altura escrevem no vosso relatório: porque não “aproveitar o desafio da covid-19 para produzir mudanças?”

É a minha grande esperança. Esta covid fez-nos sair a todos da nossa zona de confiança. E a mudança mexeu nas “estruturas”. Às vezes há

mudanças que não acontecem por inércia, outras por receio ou falta de arrojo por parte dos governantes, há outras prioridades na agenda política, os governantes mais visionários (que os temos!) têm receio, ou não têm apoios suficientes, ou há “outras prioridades” e falta de dinheiro. Neste “momento covid” ficámos todos perante a urgência de mudar para enfrentarmos a situação. E as respostas a nível das escolas (e das universidades) foram imensas. Acho que (quase) todos nos superámos (governantes incluídos). Será uma pena se depois de tudo isto voltarmos ao “normal” e não aproveitarmos, na tal “nova normalidade”, para mudar.

Mas como?

Data: 19.05.2020

Título: Aos 15 anos, só 10% dos alunos gostam muito da escola

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Economia

Pág: 20;21



Conheço alguns miúdos que me dizem que as aulas [à distância] estão “muito mais giras”. Que os professores ficam “mais próximos” e “mais bem-dispostos”, que eles (alunos) não andam “tão exaustos” e que, no final do dia, em vez de “estarem fartos”, até lhes apetece ir “fazer uma pesquisa ao Google”. Claro que há outros que estão a cumprir horários e tempos de aulas no Zoom ou Teams, igualzinho ao presencial, e estes andam mais stressados, alunos e professores. E é pena ter-se perdido esta oportunidade.

O confinamento não é uma solução e as aulas presenciais e a socialização que a escola permite são muito importantes, mas, já que fomos postos perante um facto consumado, estou optimista e curiosa de ver como vamos conseguir evoluir e melhorar.

A escola evoluiu do papel ao acetato e ao Powerpoint sem mudanças de fundo, e provavelmente está mesmo a precisar de ser pensada, numa altura em que com as TIC a informação abunda. No ensino superior vê-se muito isso, nós a falar e os alunos “no Google”. O ensino não se pode tornar um braço-de-ferro “professor vs Google”. Mas é altura (enfim já há muitos anos) de repensar a educação toda, com arrojo. Vamos ver se não perdemos este barco e se não passamos do Powerpoint ao Zoom/Teams, sem aproveitar para mudar! **A.S.**



Área: 1406cm² / 74%

Titagem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6843277